

**Experimentação autogestionária:
autogestão da pedagogia/pedagogia da autogestão**

Claudio Nascimento*

“A autogestão é a pedagogia do socialismo e de si mesma”

(Michel Raptis)

Esse ensaio é foi elaborado como contribuição do autor à construção do Projeto Político Pedagógico da Rede dos CFES .É uma forma de sistematização da assessoria dada as ações de 2009 ao CFES Nacional e aos Regionais.

Paul Singer, com espírito luxemburgiano, afirma que “A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesma, na medida em que propõe uma nova prática social e um entendimento dessa prática. A única maneira de aprender a construir a economia solidária é praticando”.

Trazendo esta reflexão para o campo da autogestão, nos apoiamos em Maria Clara Bueno Fischer e Lia Tiriba ao dizerem que: “As experiências históricas de autogestão* revelam que, no embate contra a exploração e a degradação do trabalho, não é suficiente que os trabalhadores apropriem-se dos meios de produção. Estas práticas indicam haver a necessidade de articulação dos saberes do trabalho fragmentados pelo capital e de apropriação dos instrumentos teórico-metodológicos que lhes permitiram compreender os sentidos do trabalho e prosseguir na construção de uma nova cultura do trabalho e de uma sociedade de tipo novo.”

E, com Gramsci, concluem: “Em seus escritos sobre o movimento operário ocorrido em Turim, entre 1919 e 1921, Gramsci analisa os conselhos de fábrica, afirmando que as experiências nas quais os trabalhadores têm o controle sobre a produção representam uma “escola maravilhosa de formação de experiência política e administrativa”. E que, ”Na ‘escola do trabalho’ e, em especial nas vivências de trabalho associado, as pessoas atribuem sentidos ao vivido ou realizado; assim, de forma mais abrangente, é fundamental que transformem suas vivências pregressas e atuais em experiências propriamente formadoras”.

Aqui, está sintetizada a dialética da ‘experimentação autogestionária’, a pedagogia da autogestão e a autogestão da pedagogia. A “experimentação” no campo pedagógico deverá articular estes dois elementos: o ‘espontâneo’ e ‘a vontade-direção’.

Nesta perspectiva, “a experimentação deve ser considerada como um procedimento próprio à dinâmica da autogestão”, como diz Mothé: “O espírito de experimentação consistirá em considerar que um certo número de idéias pertencem às hipóteses e podem ser postas em dúvida ou rejeitadas no curso da experimentação”. Portanto, “aceitar a incerteza da decisão coletiva e da análise da experiência implica um estado de espírito militante totalmente diferente daquele no qual somos habituados à social-democracia, o stalinismo e suas variantes esquerdistas”.

Assim, definiu-se o **papel do educador**: “O militante deve ser mais o mediador que permite aos grupos experimentar; aquele que em qualquer situação experimenta os valores da experimentação. É o mediador que ajuda, reenvia aos grupos suas próprias análises como sendo as análises e não certezas, interpretações entre outras”. Estes educadores e militantes têm um grande papel na valorização do saber acumulado pelos próprios trabalhadores em seus locais de trabalho.

Para Mothé, “a valorização do vivido de cada um não pode se fazer unicamente através da ajuda do discurso, mas através de seu próprio saber e também através da valorização de sua própria vida”.

Como esta ‘experimentação’, com o papel destes ‘militantes animadores’, em lugar de ‘militantes profetas’ e/ou ‘militantes soldados’, poderiam fazer avançar as experiências de economia solidária no sentido do que Bernardo chama de ‘ações coletivas e ativas’? O papel da formação, da educação popular, neste campo, é fundamental, desde que provida destes instrumentos da autogestão.

Pedagogia autogestionária

“É, de início, pelas mãos e pelo coração que se forja a autogestão”

(Jef Ulburghs)

Para seguir, vamos recorrer à obra do pedagogo autogestionário belga Jef Ulburghs. Um pioneiro na construção da pedagogia da autogestão. Jef Ulburghs desenvolveu um intenso trabalho de animação de base numa perspectiva

autogestionária. Vejamos suas idéias, que são importantes para a idéia de uma pedagogia da autogestão.

Ulburghs fez parte do MAB* e suas idéias foram apresentadas em seu livro “Pour une Pédagogie de l’Autogestion” (1980). Como diz na apresentação: “Este livro nasceu de uma longa experiência. Anos de luta fizeram amadurecer um método e construir uma pedagogia para uma mudança social nova na perspectiva autogestionária. Chamo esse método de ‘indutivo’.”

Sua obra porta inspiração em três pedagogos: Paulo Freire, Oskar Negt, educador e sociólogo da Escola de Frankfurt, e Joseph Cardjin, fundador da JOC. Jef diz que muito se escreveu sobre a autogestão, mas muito pouco sobre sua pedagogia: “O movimento autogestionário, ao mesmo tempo, pedagógico e político, é portador de uma dinâmica permanente, de um processo constante de evolução em que o pensamento e a ação permitem o aprofundamento do conteúdo ideológico. O que é revolucionário não é o resultado, mas o processo para autogestão”.

A experiência de autogestão na educação, para Ulburghs, parte da idéia de que “A autogestão se parece a um canteiro de construção onde os operários têm o direito de experimentar”.

A construção de um movimento pela autogestão requer animadores-educadores de base muito bem formados. Na Bélgica, desta necessidade surgiu uma ‘Universidade Operária’ com o objetivo de formar militantes de base prontos a se tornarem animadores na perspectiva de um socialismo autogestionário. Neste campo, “situa-se a tomada de consciência da base (a ‘conscientização’, segundo Paulo Freire), como uma etapa importante de um novo tipo de sociedade democrática: a autogestão”. Os dois pilares desta tomada de consciência são: uma organização autônoma e a formação permanente.”

Ulburghs fala de uma ‘cultura operária original’ relacionada a uma ‘cultura indutiva’: “sua linguagem concreta e direta é rica em símbolos... sua luta inspira também a poesia, a canção, a literatura, a religião popular, a filosofia e a política. Ela permite que uma nova forma de vida e de pensamento possa se desenvolver”. A aprendizagem, o modo de adquirir uma cultura, seja por transferência (dedução), seja por autolibertação (indução) é determinante para seu conteúdo.

Deste modo, Ulburghs parte de três mestres do pensamento indutivo: Cardjin, fundador da JOC; Paulo Freire, com seu método da ‘conscientização’ através da qual o oprimido cria sua própria linguagem, e esta linguagem é um meio de dar um nome ao

futuro e permite ao oprimido de tomar em mãos sua própria vida. Ulburghs esteve algumas vezes com Paulo Freire em Genebra, quando este estava exilado. E Oskar Negt, educador sindical na Alemanha. Também, podemos encontrar em Ulburghs, idéias de Gramsci, no sentido e que “as formas de luta de base constituem uma luta cultural”.

Qual a concepção de Ulburghs deste tipo de socialismo: “ o atrativo da autogestão está no fato que a base mesma pode gerir coletivamente sua própria vida. Claro, os comitês de base em todos os setores e em todos os níveis da sociedade devem ser criados. A produção é assim gerida pelos comitês de trabalhadores eleitos por um tempo determinado e para uma função delimitada: os critérios de opção são a competência e a honestidade; estes comitês são regularmente controlados, são revogáveis e substituíveis. Eles representam os diversos ateliers, as varias categorias de idade e cada tipo de trabalho. Os comitês de fábrica estudam a repartição do trabalho, controlam a formação dos trabalhadores, assim como as grandes opções da produção. Regularmente, convocam assembléias para prestar contas de suas ações”.

Para Ulburghs, no setor da ‘re-produção’, ”a população deverá se organizar em comitês nos setores da saúde, do bairro, dos esportes, da formação”. “Além dos vários setores, deverá haver uma intercomunicação entre os diferentes tipos de atividades sociais: um delegado do meio ambiente visitará um comitê de fábrica e vice-versa. A autogestão coerente e digna desse nome compreenderá de inicio um primeiro escalão, os comitês de base nos diferentes setores de produção e de re-produção. Em segundo lugar, os comitês se interarticulam de uma forma horizontal e intersetorial. Em terceiro lugar, eles se organizam nos diferentes niveis da sociedade:regional,nacional e internacional”.

Entre as ‘condições da autogestão’, Ulburghs coloca ‘uma educação permanente’:

“O grande perigo da autogestão é a possibilidade de concorrência, por exemplo, entre unidades de produção... A tentação corporativa pode opor os setores fortes aos setores fracos. Para evitar este risco é necessário combinar a autogestão com uma formação permanente. ao passo que a duração do trabalho diminui e que as tarefas duras são repartidas ou feitas pelas maquinas, o tempo assim ganho pode ser utilizado para a formação dos trabalhadores”.

Desta idéia , extraímos o que chamamos de “greve pedagógica”,ou “parada pedagógica”, os atores diretos do trabalho associado têm a possibilidade de utilizarem o tempo de trabalho que controlam para “rodas de conversas” (Paulo Freire) no proprio

local de trabalho, pois dominam a tecnologia, 'experimentando' deste modo a "formação permanente".

"Esta abrange uma formação ao alcance de todos (facilitada pela computação), uma qualificação técnica pluriforme (para evitar o trabalho único e mecânico), análises políticas (para situar o objetivo da produção), e a formação moral (para favorecer a solidariedade)".

Portanto, conclui Ulburghs: "A autogestão é, assim, impossível sem uma formação permanente que ponha o conhecimento à disposição de todos...Esta formação supõe uma dimensão política solidária e global".

As experimentações de autogestão mobilizam os trabalhadores para uma tarefa concreta e, assim, adquirem no processo e de modo indutivo uma formação para autogestão. Vejamos a síntese da proposta pedagógica de Ulburghs, e façamos uma relação com as idéias do teórico da autogestão Yugoslava, Kardelj.

Ulburghs sintetiza sua proposta: uma formação permanente

1. formação técnica: autogestão começa pelas mãos;
2. formação social e política: análises da sociedade;
3. formação cultural e moral: educação para solidariedade".

A proposta educativa de Ulburghs vai de encontro a linha estratégica de Mariategui, que apresenta acima, ou seja, os 3 eixos de uma proposta socialista de autogestão:

1. a socialização dos meios de produção;
2. a socialização política;
3. as relações intersubjetivas, afirmação da solidariedade, um 'reencantamento da vida'.

O teórico yugoslavo, Edvard Kardelj falava de 'um sistema de autogestão' que abrangia:

- o homem autogestor no trabalho;
- o homem autogestor na cultura;
- o homem autogestor na vida social em geral".

Finalmente, um movimento autogestionário de base requer três elementos:

1. um movimento de base com um numero grande de grupos de base com ação em diversos setores da sociedade;
2. um campo de formação de animadores de base: tipo
Universidade Operaria;
3. um movimento de animação política que conscientiza a base, coordena as lutas e inspira a autogestão por suas idéias, seus métodos, sua estratégia e seu estilo de vida.

A rede Internacional do MAB articulava seminários internacionais para troca de experiências que mostravam exemplos concretos de autogestão que inspiravam, motivavam e formavam diretamente os trabalhadores.

A idéia de ‘experimentação social’ foi tratada por **Pierre Naville** em sua obra intitulada “Le temps, La technique, l’autogestion” (1980), matéria de uma entrevista para a Revista “Critique Socialiste” (1979).

Para Naville, “o que é experimental é o que não é natural, espontâneo’. Cabe a nós descobrir as formas de experimentação que possam ser conduzidas de forma científica, pelo método de ensaios e erros; isto é, que possamos corrigir, ou abandonar, ou melhorar. Desta forma, a experimentação pode torna-se democrática. Um poder socialista experimental deve ser democrático, traçar hipóteses e buscar verificá-las. Experimentar é muito diferente de criar o caos. Devemos buscar os modos de experimentação diferentes segundo os setores em jogo, buscar os domínios prioritários. Para mim, os socialistas devem começar pelos setores da produção, do trabalho. A experimentação social não pode nem deve suprimir os conflitos sociais, as lutas entre classes e grupos.

Experimentar significa primeiro colocar um problema corretamente, de tal forma que se possa ter uma solução. E, para isto, precisamos de método, e justamente um método experimental.

Autogestão significa um **princípio**, não é uma regra, uma instituição ou uma solução. Significa que um objeto social deve se determinar a si mesmo. Para determinar as formas da autogestão segundo certos níveis, ou conjuntos, deve-se justamente realizar experimentações sociais. Por exemplo, o acontecimento **LIP** e numerosos

conflitos nas empresas produtivas hoje são tipos de experiências sociais que abriram as vias à uma reflexão sobre a autogestão.

E conclui Naville: ”**O campo educativo e escolar** foi sempre um terreno de experimentação, de inovação, de contestação; é um dos campos principais em que a experimentação para autogestão deve se exercer”.

Para concluir, enfim, vejamos, então, como Daniel Mothé aborda a questão da **experimentação autogestionária**.

Experimentação autogestionária, segundo Mothé

“A vida é experiência , o que significa improvisação, utilização das ocorrências: ela é tentativa em todos os sentidos” (G.Canguilhem).

Mothé traça como objetivo central ver “como os locais de competência dos atores podem se tornar locais de aprendizagem da gestão coletiva”. Inicialmente esclarece que “ O conceito de aprendizagem é mais amplo que o profissional... tratando-se de aprendizagens múltiplas. As aprendizagens dos trabalhadores dependem da natureza da função e da tecnologia de uma parte, e da estrutura de organização, de outra parte. Mas, além destas aprendizagens, os trabalhadores têm um campo de aprendizagem mais rico, que decorre de aprendizagens de comportamentos sociais, que lhes permitem recusar, combater e ou aceitar as estruturas de organização”.

Há uma grande diferença se são estruturas hierárquicas autoritárias ou estruturas democráticas, formadas por grupos autônomos que discutem, analisam, decidem, etc. “As aprendizagens são baseadas essencialmente sobre **práticas** que põem os operários em situações concretas e que lhes incitam a buscar respostas a estas situações”. Assim, **”A aprendizagem é uma atividade que se efetua no nível do fazer”**, conclui Mothé.

E que, desta forma, ‘a autogestão depende de que os trabalhadores estejam em organizações as mais participativas’. Mothé cita Rosa Luxemburgo: “Para parafrasear Rosa Luxembourg, diremos que é funcionando coletivamente que as massas aprendem a se autogerir; não há outro meio de aprender a ciência. Sua educação se faz quando elas passam à ação”.

Apenas ‘en passant’, nos referimos a outra questão fundamental na pedagogia da autogestão, discutida nos CFES, e também abordada por Mothé. Mothé traças algumas linhas sobre a relação **militância e pesquisa**: “Os pesquisadores não devem testemunhar sua afeição ao mundo do trabalho pela apologia sistemática da luta

militante – é problemas dos sindicalistas- ,mas por uma análise crítica das experiências sindicais.

“A aprendizagem pelo lado sindical deveria se efetuar por uma ocupação sistemática do terreno da experimentação de modo a que essa enriqueça seu ponto de vista e possa se inserir em sua estratégia (...). Deste modo, poderíamos achar um terreno favorável de colaboração entre pesquisadores, sindicalistas, educadores e também trabalhadores que participam destas ações”.

Participando,de certo mod, do ‘campo cultural’ em que surgiu a idéia da Ergologia,Mothé em suas idéias de “experimentação autogestionária” ,”intuiu” o que Yves Schwartz ,por sua vez,a partir da epistemologia de G.Canguilhem e da sociologia do trabalho francesa (G.Friedman,P.Naville),chama de “Dispositivo de 3 Polos”,entre nós,pesquisado-experimentado na UNISINOS pelo grupo de “Educação e Trabalho” coordenado por Maria Clara B.Fischer,e na UFMG,por Deise Cunha.Voltaremos a esse ponto.

A partir da experiência francesa, Mothé defende equipes formadas por universitários, sindicalistas, operários, pesquisadores, educadores, ergônomos, que já experimentaram este caminho, o da ‘pesquisa-ação’ nas empresas.

Este ponto é fundamental no que diz respeito a relação intrínseca entre “**sistematização**” e “**pesquisa-ação**”, elementos que podemos considerar estruturantes da pedagogia da autogestão. A sistematização das experiências foi um tema central dos debates nos CFES.

Por fim, D.Mothé entra no campo das empresas de autogestão: “Se relacionamos os procedimentos experimentais às empresas de autogestão, a **experimentação autogestionária** consiste em enriquecer seu patrimônio de fatos, de práticas, a partir dos quais o mundo sindical e científico possam refletir, modificar seus procedimentos, afirmar suas dinâmicas e constituir deste modo todo um arsenal de técnicas autogestionárias que lhes são próprias.”

A experimentação deverá ser considerada como um procedimento próprio ao funcionamento autogestionário; os procedimentos experimentais nas empresas consistem a por em movimento temporariamente novas organizações, novas técnicas, novas divisões de tarefas, novas relações interpessoais. O novo funcionamento deverá verificar ou INFORMAR as expectativas, as hipóteses e as esperanças que foram formuladas pelos autogestionários.

Trata-se, assim, de utilizar novos procedimentos que contenham uma certa parte de incertezas, mas que serão auto-controlados durante seu desenvolvimento. Não se trata de quaisquer tipos de experiência efetuada por profissionais da experimentação. Mas, no campo da autogestão de experiências em que os experimentadores, em particular os atores, objetos eles mesmos da experiência, participem no controle e na dinâmica da experiência.

A experimentação permitirá ir além da simulação ao proceder por passos sucessivos, por ensaios e erros, através do estabelecimento de um **dialógo** em que o conjunto dos atores terá a possibilidade concreta de participar, porque veremos os efeitos concretos no terreno da ação.

Como afirmamos acima, as idéias de D.Mothe fazem parte de um ‘campo teórico’ construído na experiência francesa da autogestão. Desde as idéias de G.Canguilhem, a partir de suas reflexões sobre a sociologia do trabalho desenvolvida por G.Friedmann, e sistematizadas pelo grupo de Y.Schwartz no campo da ergologia. Canguilhem estudou a obra de Friedmann (“Problemas Humanos do maquinismo industrial” -1947), tirando consequências fundamentais, que expressou em seu ensaio “Milleux et Normes de l’Homme au travail” -1947.

G.Canguilhem, médico e filósofo, em sua obra “La Connaissance de La vie”, afirma que “A experiência é de início a função geral de todo ser vivo, isto é, seu debate com o meio”. E que, “É essencial conservar na definição da experiência, mesmo para o sujeito humano, seu caráter de questão posta sem premeditação de converter a resposta semerviço imediato, seu sentido de gesto intencional e deliberado sem pressão das circunstâncias”.

Para Canguilhem, “O problema da experimentação humana não é mais um simples problema de técnica, é um problema de valor”. Partindo das pesquisas biológicas de Claude Durand, Canguilhem nos aponta idéia fundamental: “A vida é criação, o conhecimento da vida deve se realizar por diálogos imprevisíveis, se esforçando de apreender um devenir em que o sentido não se revela jamais claramente a nosso entendimento a não ser quando ele nos desconcerta”.

Por sua vez, Schwartz extraiu idéias importantes deste ‘campo de troca e produção de saberes’ “Entre as experiências humanas, a experiência industrial paradigmática aos olhos de Canguilhem, é possível de ser acessada pelo conceito ‘Deixa em ‘estado torpido’ o que ela porta de possíveis, não seria empobrecer o patrimônio de nossa ‘errância’? Schwartz põe a questão que nos serve de base ao processo e as tarefas da

‘sistematização’ : “como engravidam,na experiência industriosa, os diversos possíveis ?.Desta dialética do conceito e da vida,devemos tirar conseqüencias praticas”.

“G.Canguilhem comenta a resistência dos operários ao lema “não lhe pedimos para pensar” de Taylor.Há sempre pensamento operário,pensamento industrioso,e mesmo na mais severa das pressões produtivas.**Mas temos que passar esse pensamento na penumbra, este pensamento em subversão ,este pensamento engravidado,ao simbolismo e a linguagem”.**

Esse é, sem duvidas,o que Clara Fischer e Tiriba denominan em seu ensaio de “ conhecimento encarnado no trabalho associado e autogestão”.

Um conhecimento portador de “saberes dos povos originários”,saberes de épocas ‘pre-capital “ e ‘pre-industrial”,um saber ‘industrioso”.

É o que temos chamado, nas atividades dos CFES, de “Espaço Público epistemológico e ético”, a partir de idéias formuladas por **Maria Clara Bueno Fischer**, partindo das pesquisas do Grupo Francês de ergologia, animado por Yves Schwartz, grupo que o próprio Mothé cita em seu livro “Autogestion et Conditions de Travail” (1976), o “**LEST**” (Laboratoire d’*économie et de sociologie du travail*, de Aix-en-Provence). Trata-se do “Dispositivo de 3 Polos”.*

Seguindo com Mothé, ”A experimentação coletiva deve ser vista como um instrumento, uma técnica necessária ao funcionamento autogestionário. Os obstáculos a esta forma de experimentação, o sabemos, vêm de vários lugares e, em primeiro lugar, dos poderes estabelecidos”. Aqui,Mothé faz referência aos aparatos dos sindicatos e dos partidos.

Sobre a França, Mothé diz de forma antecipatória de várias experiências que iriam surgir nos anos 90 (sua obra data de dezembro 1980): “As experimentações nas empresas são difíceis de realizar porque é o patrão que detém o poder e não os sindicatos.’

Mas porque não experimentar estes funcionamentos coletivos no interior de instituições periféricas controladas pelos sindicatos, nos organismos em que as Comissões de Empresa se tornaram patrões: as cantinas, os órgãos de esportes, de lazer, os centros culturais, etc.; em todas as municipalidades conquistadas pela esquerda e nos serviços municipais que ela controla?, pergunta-se D.Mothé.

O que diria, e nos disse, ao nos visitar no Fórum das Cidades e participar do Fórum de Economia Solidaria de SP, das possibilidades abertas pelas ações no campo da economia solidaria, das empresas recuperadas para autogestão?

Portanto, as “experimentações” são o campo estratégico. Contudo, somente se ‘constituem um aprendizado prático de novas relações de trabalho’, articuladas com outros campos de lutas do sujeito plural, que Meszaros chama de “produtores livremente associados”.

Como disse Marx: “Hic Rhodus, hic salta ! Aqui está a rosa, aqui temos que dançar” !

E, retomando a Rosa: **“As massas devem aprender a usar o poder usando o poder, não há outro modo”. “Sua educação se faz quando elas passam à ação”!**

BIBLIOGRAFIA

1. Pedagogia da Autogestão

CAPINA - “Autogestão Democrática”, DVD do Seminário de Novembro 2009.

CAPINA - “Viabilidade Econômica e Gestão Democrática de Empreendimentos Associativos” (3 volumes), 2009.

COSTA, Bia (org.). ”ZERBINI - Oficina associada que rima trabalho com educação”,

FISCHER, Maria Clara B. “Uma outra produção válida e legitimação de saberes é possível e necessária”, in Trabalho & Educação, Unisinos, 2003.

FISCHER, Maria Clara B. “Produção e legitimação de saberes para e no trabalho e educação cooperativa”, in Ciências Sociais, Unisinos, 2005.

FREIRE, Ana Maria A. (org). “Pedagogia dos Sonhos Possíveis”, Unesp, 2001.

FREIRE, Paulo. “Os Cristãos e a Libertação dos Oprimidos”, Edições Base-FUT, Portugal, 1978.

FREIRE, Paulo. “Pedagogia da Esperança. Um encontro com a Pedagogia do oprimido”, Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. “Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa”, Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. “Pedagogia da Indignação, cartas pedagógicas e outros escritos”

Editora Unesp, 2000.

GARYBAY, Françoise – SÉGUIER, Michel coord.). “Pratiques émancipatrices - Actualités de Paulo Freire”, Syllepse, Paris, 2009.

GADOTII, Moacir. “Economia Solidária como Práxis Pedagógica”, Ed.L, 2009.

GRAMSCI, Antonio. ”La Formazione Dell’Uomo, Scritti di Pedagogia:a cura de Giovanni Urbani”, Editori Riuniti, 1974.

GRAMSCI-BORDIGA. ”Debate sobre los consejos de fábrica”, Editorial Anagrama, 1977.

GRAMSCI, Antonio. “Il Rivoluzionario Qualificato. Scritti de 1916-1925”, Delotti Editore, 1988.

Canguilhem,Georges.”La Conaissance de La Vie”.Vrin.Paris.2006

Canguilhem,G.” Philosophe,historien et ergologie,Entretiens sur l’activité humaine (1)”.Octares Éditions .2009

MOTHÉ, Daniel. “Le métier de militant”, Ed. Seuil, Paris, 1973.

MOTHÉ, Daniel. ”Autogestions et conditions de travail”, ed. Cerf, Paris,1976.

MOTHÉ, Daniel. “L’autogestion goutte à goutte”, Centurion, Paris, 1980.

NASCIMENTO, Claudio. “Uma mutação cultural: de ‘celetista’ e/ou ‘sindicalista’ para autogestionário””, MTE, Qualificação Social e Profissional, Volume 2, Brasília, 2005

NOZAKI, Izumi (org.). “Educação e Trabalho - trabalhar, aprender ,saber”, Edufimt, 2008.

PUIGGRÓS, A-CAGLIANO, R. (dirección). “La Fábrica del Conocimiento. Los saberes socialmente productivos en América Latina”, HomoSapiens ediciones, 2004.

RAPTIS, Michel. “Sobre el socialismo de autogestion”, Ediciones Punto de Referencia, Paris, 1973.

RAZETO, Luís. ”Las Empresas Alternativas”, PET, Chile, 1985.

RAZERO,Luís-KLENNER,Arno. “Manual Del Taller Autogestionado”, Ediciones SUR, Chile, 1985.

SARDA, Maurício. “Empreendimentos Autogestionários Provenientes de Massas Falidas. Uma Tipologia de economia Solidária e Autogestão”, Convênio M.T.E.-IPEA-ANPEC, 2005.

SINGER, Paul. “A Utopia Militante. Repensando o socialismo”, Vozes, 1998.

SANTOS, Boaventura-MENEZES,Maria Paula (org.). “Epistemologias do Sul”, Almedina, CES, Coimbra, 2009.

TIRIBA, Lia. “Economia Popular e Cultura do Trabalho. Pedagogia da produção

associada”, Unijui, 2001.

TIRIBA, Lia- PIKANÇO, Iraçy (orgs). “Trabalho e Educação“, Idéias & Letras, 2004.

TIRIBA, Lia – FISCHER, Maria Clara B. “»De ‘olho’ no conhecimento ‘encarnado’ sobre o trabalho associado e autogestão”, Revista UNISINOS, 2009.

TIRIBA, Lia – FISCHER, Maria Clara B. “Saberes do trabalho associado”, in Dicionário Internacional de Outra Economia, (Cattani-Gaiger-org.), Almedina, Coimbra, 2009.

ULBURGHS, Jef. “Pour une Pedagogie de l’Autogestion’.Manuel de l’Animateur de Base”, Éditions Ouvrières, 1980.